



A RELAÇÃO ENTRE FÉ E RAZÃO EM TOMÁS DE AQUINO E SUA REPERCUSSÃO NA TRADIÇÃO TEOLÓGICA POSTERIOR

The relationship between faith and reason in Aquinas and its repercussion in later theological tradition

Franklin Viera de Lima*

A
R
T
I
G
O
S



* Formado em Teologia no Seminário Batista do Cariri.

Contato:

franklinvieira01@hotmail.com

RESUMO:

A proposta de Tomás de Aquino visa unir dois conhecimentos extremamente importantes na sua época, teologia e filosofia. O ideal tomista era bem maior que a acirrada batalha entre as escolas pressuposicionalista e evidencialista dos nossos dias. Sua ideia de conhecer Deus através da razão era propor uma epistemologia saudável, por meio da qual o homem compreendesse que toda a verdade vem de Deus, que todo conhecimento corresponde harmonicamente em uma pessoa, sem a necessidade de apresentarmos fontes antagônicas com o intuito de defender verdades contrárias entre si. Tomás de Aquino procurou defender a simplicidade da verdade, deixar claro que não temos “verdades”, conhecimento defendido pelos maometanos de sua época com o interesse de creditar valor a fé islâmica.

PALAVRAS-CHAVE: Fé; Razão; Tomás de Aquino

ABSTRACT:

The proposal of Thomas Aquinas aims to unite two extremely important knowledge in his time, theology and philosophy. The Thomist ideal was greater than the fierce battle between the presuppositionalist and evidentialist schools of our day. His proposal was to know God through reason. Thomas Aquinas tried to defend the simplicity of the truth, to make it clear that we do not have "truths", a knowledge defended by the Mohammedans of his time.

KEYWORDS: Faith; Reason; Tomas de Aquino

INTRODUÇÃO

A relação entre a fé e a razão em Tomás de Aquino é ainda hoje motivo de muita discussão dentro da academia e, principalmente, nas escolas teológicas. Este problema persiste por causa das sérias implicações que estão envolvidas na proposta do santo católico a respeito do conhecimento de Deus. Doutrinas como pecado, revelação, depravação, entre outros, são exemplos de como este relacionamento é importante para os cristãos.

No entanto, ao que se percebe, seria temerário avaliar todo o conhecimento proposto por Aquino sem levar em conta o contexto no qual ele fazia parte. O século XIII, período em que Aquino viveu, foi fortemente marcado por uma onda de mudanças no conhecimento, isto afetou não só a teologia da época, mas muitas outras áreas do saber humano. Estas mudanças devem ser consideradas para se compreender os ideais tomistas.

A proposta de Tomás de Aquino visa unir dois conhecimentos extremamente importante na sua época, isto é, teologia e filosofia. Diante do ideal tomista, havia por trás uma briga muito maior que a defendida pelas escolas pressuposicionistas e evidencialistas, ou seja, a possibilidade de conhecer Deus através da razão. Tomás de Aquino procurou defender a simplicidade da verdade, deixar claro que não temos “verdades”, conhecimento defendido pelos maometanos de sua época.

O objetivo dos maometanos era assumir a filosofia aristotélica sem deixar de lado a sua teologia. Tendo em vista esta discrepância de conhecimento, o único meio de relacioná-los seria afirmar duas verdades distintas, uma na teologia e outra na filosofia. Porém, contra esta tentativa arbitrária, Aquino procurou defender um ideal sustentado por seu ilustre teólogo, Agostinho. Aquino tentou unir a filosofia aristotélica e a doutrina cristã e provar que toda verdade é verdade de Deus, apesar do tipo de conhecimento.

Nesta busca por unir tais conhecimentos, observa-se que Aquino, algumas vezes, foi longe demais com esta proposta. Sua mente cristã influenciada por um contexto extremamente acadêmico fez com que muitas vezes a filosofia atrapalhasse a sua teologia. No entanto, há de se concordar que, poucas mentes cristãs alcançaram um nível tão alto de conhecimento como Tomás de Aquino. Neste caso, não seria exagero dizer como seu mestre que, “o mugido daquele boi um dia deixaria o mundo perplexo”.

1 - TOMÁS DE AQUINO E A QUESTÃO DO CONHECIMENTO DE DEUS

No intuito de analisar o tipo de relação proposto por Tomás de Aquino entre a fé e a razão, faz-se necessário avançar neste campo tão importante que é o conhecimento de Deus. Tomás de Aquino desenvolveu uma série de argumentos envolvendo a fé e a razão. Seu objetivo foi elaborar uma defesa convincente da fé cristã levando em consideração a razão humana que, diferente do que muitos pensavam, não era contrária a fé.

Com este objetivo em mente, era necessário responder algumas perguntas cruciais como: é possível conhecer Deus por meio da razão? A razão é superior a fé? Como se dá a relação entre a fé e a razão? Por que as verdades não acessíveis à investigação da razão foram convenientemente propostas por intermédio da fé? Como as cinco vias contribuíram para esta pesquisa? Ao responder estas perguntas observaremos como o autor das *Súmulas* entendia estes dois conceitos relacionados à Deus.

1.1 A POSSIBILIDADE DE DESCOBRIR VERDADES SOBRE DEUS POR MEIO DA RAZÃO

Tomás de Aquino entendia que o conhecimento de Deus se dava a partir de uma dupla modalidade, “...verdades que ultrapassam totalmente a capacidade da razão humana. Uma delas é, por exemplo, que Deus é trino e uno. Ao contrário, existem verdades que podem ser atingidas pela razão: por exemplo que Deus existe, que há um só Deus etc.” (TOMÁS DE AQUINO, 2004. p. 133).

Aquino também entendia que além de ser possível descobrir verdades sobre Deus, tais verdades eram recebidas através dos sentidos corporais. No entanto, com respeito a Deus, é impossível que o homem, com suas próprias forças, aprenda sobre a *essência íntima* do Divino. Isto acontece porque o conhecimento intelectual do ser humano se dá a partir dos sentidos corporais, de forma que tudo o que não passa pelo domínio dos sentidos não pode ser aprendido pelo conhecimento humano.

Falando sobre o conhecimento de Deus ele foi além ao dizer que “os objetos sensíveis não podem conduzir a nossa inteligência a enxergar neles aquilo que constitui a substância ou essência divina, pois se verifica uma diferença de nível entre os efeitos e o poder da coisa”

(TOMÁS DE AQUINO, 2004. p. 134). Apesar de não ser possível adquirir qualquer tipo de conhecimento sobre a *essência* de Deus por meio dos objetos sensíveis, Tomás concluiu que a nossa inteligência, através dos mesmos objetos sensíveis, nos possibilita alcançar um certo conhecimento sobre Deus, inclusive que Ele existe. Para o autor da *Súmula*, este é um tipo de conhecimento inteligível e acessível à razão humana. Sobre isso Madureira (2008, p. 95) disse:

Em seu ponto de vista [Aquino], o intelecto conhece a Deus ao *iluminar* as imagens que possui e ao *abstrair* delas a essência das coisas. Como Deus não tem imagens – pois é incorpóreo, a única maneira de o intelecto conhece-lo é comparando-o com as coisas criadas. Ora, se Deus não pode ser captado pelo conhecimento sensorial e se o conhecimento sensorial, no estado de vida corpóreo, é o único meio pelo qual podemos conhecer intelectualmente a Deus; então, não podemos saber de Deus o que ele é (*catafático*), mas só o que ele não é (*apofático*).

Madureira chegou à conclusão que Deus só pode ser conhecido negativamente conforme a concepção adotada por Aquino, pois já que Deus é incorpóreo e o conhecimento surge por meio dos sentidos, torna-se impossível entender algo de Deus, uma vez que Ele não possui um corpo. Mas posto que este conhecimento pode ser captado parcialmente pelo conhecimento sensorial, ele se dá através da *remoção* das imperfeições presentes nas coisas que foram criadas, ou seja, quando retiramos toda imperfeição de um objeto, este objeto apresenta um deslumbre do próprio Deus que é a perfeição em si. Não obstante, Tomás de Aquino disse que: “Quando algo nos é conhecido, então, nos resta investigar como este algo é, para que se saiba a seu respeito o que é; ora, como não podemos saber a respeito de Deus o que ele é, mas o que ele não é, então, não podemos considerar a respeito de Deus como ele é, mas antes como ele não é” (TOMÁS DE AQUINO *apud* MADUREIRA, 2008. p. 95).

Aquino acreditava que o motivo que levava as pessoas a considerarem falsa a possibilidade de terem determinado conhecimento sobre Deus por meio da razão humana era o fato de muitos serem incapazes de avançar com os seus pensamentos. Para o escolástico, “tudo aquilo que é dito acerca de Deus, e que a razão humana em si mesma é incapaz de descobrir, não deve ser de imediato considerado como falso, como acreditavam os maniqueus e a maior parte dos infiéis” (TOMÁS DE AQUINO, 2004. p. 136).

O autor das *Súmulas* explicou este equívoco dos maniqueus e dos infiéis, segundo o qual não podemos conhecer nada de Deus por meio da razão, alegando que por meio do grau de

conhecimento este problema poderia ser solucionado, isto é, pelos níveis de inteligência que cada um possui. Primeiro, Aquino explicou que a inteligência dos anjos é muito superior a dos homens. Para o aquinate o anjo possui uma capacidade bem superior a de um filósofo, que, por sua vez, supera em muito a inteligência de um ignorante, inculto, que vive em um local rude. Mesmo tendo um conhecimento superior a todos os homens, os anjos reconhecem que o conhecimento de Deus é muito superior ao deles.

Tomás de Aquino reforçou seu argumento dizendo que seria loucura um ignorante julgar como falsos os ensinamentos de um filósofo pelo simples fato de não compreender o argumento, assim como seria um absurdo um homem questionar um anjo diante de um mistério revelado sob o pretexto de que é impossível a mente humana captar tal informação. Aquino conclui que:

As deficiências que experimentamos dia por dia no conhecimento das coisas nos transmitem o mesmo ensinamento. Ignoramos a maioria das propriedades das coisas sensíveis, e na maior parte dos casos somos incapazes de descobrir plenamente as razões dessas propriedades que os nossos sentidos percebem. Com muito maior razão, a inteligência do homem não chega a descobrir todas as realidades inteligíveis desta substância altíssima que é Deus (TOMÁS DE AQUINO, 2004 p. 135).

Para o aluno de Alberto Magno, o homem não conhece muito mais de Deus, por causa das próprias limitações que possui. Se todos tivessem o desejo e a disposição de conhecerem mais sobre Deus, investindo tempo e esforço para este fim, o homem certamente obterias muitas outras informações sobre Deus que hoje é considerada como impossível.

1.2 A INFERIORIDADE DA RAZÃO NA BUSCA PELO CONHECIMENTO DE DEUS

Não é de se admirar que o próprio Tomás de Aquino na sua obra, *A Súmula contra os gentios*, tenha chegado à seguinte conclusão com respeito aos limites da razão humana: “torna-se claro que as realidades sensíveis em si mesmas, que fornecem à razão humana a fonte do conhecimento, conservam nelas um certo vestígio de semelhança com Deus, embora se trate de um vestígio tão imperfeito que é incapaz de exprimir a substância de Deus”. Embora tivesse uma estimada apreciação pelas realidades sensíveis, herança aristotélica, Tomás de Aquino analisou o comportamento da razão como inferior à verdade da fé, uma vez que existe certo tipo de conhecimento sobre Deus que está além da capacidade humana.

Assim como todo efeito apresenta uma determinada semelhança com a sua causa, a razão humana possui características que se assemelham com a sua causa, que é Deus, no entanto, não necessariamente isto implica que deva haver uma perfeita semelhança entre o efeito (razão) e a causa (Deus). Por isso, Aquino entendia que a razão humana não tinha a obrigação de alcançar todas as informações a respeito de Deus, pois ela é incapaz de reconhecer certas verdades divinas, ou melhor, verdades que ultrapassam as capacidades da razão humana.

Deus é um ser infinito, que possui características além da compreensão humana, por exemplo, Deus é eterno e/ou Deus é uno e trino. Esta colocação do autor se encaixa perfeitamente com sua explicação de que as verdades a respeito de Deus existem em dois polos: as que ultrapassam totalmente a razão humana e as que podem ser atingidas pelo intelecto. Segundo o santo católico, apesar de o homem não alcançar determinados desígnios de Deus por meio da razão, isto não deve impedi-lo de exercitar seu intelecto. Em suas palavras:

... É útil que o espírito humano se exercite em tais razões, por mais fracas que sejam, desde que não imaginemos que as possas compreender ou demonstrar. Com efeito, nas áreas das realidades mais elevadas, já constitui uma alegria muito grande o fato de se poder aprender algo, embora com humildade e com fraqueza (TOMÁS DE AQUINO, 2004. p. 145).

Além da razão humana apresentar uma determinada inferioridade, principalmente no que diz respeito às informações que ultrapassam o conhecimento humano, há também o fato de Deus ser incorpóreo. Esta verdade se torna um problema porque Aquino entendia, com base na filosofia aristotélica, que todo conhecimento que o homem pode ter, deve ser oriundo das imagens que são captadas pelo conhecimento sensorial. Neste caso, como o homem pode produzir uma imagem de Deus se Ele não possui um corpo?

Aquino propôs uma solução para este problema afirmando que o conhecimento de Deus surge a partir do momento em que o homem se utiliza das comparações, isto é, através das perfeições de coisas sensíveis, o homem pode equipará-las a Deus e chegar à conclusão que Ele existe. No entanto, este conhecimento se constitui parcial. Esta comparação é realizada através das vias de: *causalidade*, *transcendência* e *remoção*, termos estes, segundo o próprio Tomás de Aquino, adotados dos escritos do Pseudo-Dionísio, especificamente do tratado dos *Nomes divinos*.

Outro motivo que leva o conhecimento racional a ser inferior ao conhecimento revelacional, que conseqüentemente é recebido pela fé, é o fato deste ser obtido apenas por meio de uma linguagem analógica. Sobre este ponto, Madureira diz algo sobremodo esclarecedor:

Podemos dizer que, segundo Tomás, o nosso conhecimento de Deus é imperfeito, porque só podemos conhecê-lo a partir da comparação com as coisas sensíveis. Tendo em vista o fato de que não podemos saber o que Deus é, mas só o que ele não é, Tomás conclui que todo conhecimento de Deus é negativo. Certamente, o seu objetivo não era negar a possibilidade de ter-se um conhecimento positivo de Deus, mas afirmar a transcendência divina a partir de um conhecimento negativo: conhecer Deus consiste em reconhecer que não se sabe o que é. Na verdade, o apofatismo de Tomás visa quebrar a impressão que nós temos total distância de Deus, causada pela impossibilidade de um conhecimento imediato de sua essência (MADUREIRA, 2008. p. 99).

Esta concepção sobre a inferioridade racional do ser humano surge, primariamente, para reafirmar o argumento da impossibilidade de se conhecer a essência de Deus, conceito formulado pelo próprio Tomás. Na sua concepção, o intelecto humano, no presente estado de vida, jamais poderá conhecer diretamente a essência de Deus. Este mistério só será revelado pela luz da glória de Deus.

O terceiro e último motivo que fala sobre esta inferioridade é expresso por Étienne Gilson em sua obra *Introdução à Filosofia Cristã*. O célebre comentarista das obras de Aquino afirma que: “... o próprio Deus respondeu para nós a questão de sua existência, afirmando-a. Assentir a sua palavra é crer que Deus é, porque ele mesmo o tem dito. Neste sentido, a existência de Deus é tida por verdadeira em virtude de um ato de fé na palavra de Deus” (GILSON, 2014. p. 35).

O pensador cristão não considerava a razão inferior somente por causa das limitações humanas, mas por ter uma auto consideração pela Palavra de Deus. Aquino concordava que a Bíblia era a expressão exata do caráter de Deus e que todo o seu conteúdo é considerado como verdade absoluta. Em sua obra *O credo*, onde comenta todo o credo apostólico, Tomás de Aquino faz menção de várias passagens bíblicas sem desconsiderar a fidedignidade de nenhuma delas, pelo contrário, todo o conteúdo das Escrituras é analisado como autoridade última. Ao comentar o texto de (2 Pd 1:16-18) ele diz: “Em muitas ocasiões, o próprio Jesus chamou a

Deus de pai, e a si mesmo se proclamou filho de Deus (...) incluíram neste artigo do credo: ‘Em Jesus Cristo, seu único Filho’, isto é, Filho de Deus” (AQUINO, 2013. P. 35).

Gilson, com base na *Súmula Teológica* 2-2,4,8,2, afirma que há demonstrações que permitem compreender, de fato, a existência de Deus, todavia, a certeza da fé age como um destruidor infalível da incredulidade. A fé se torna infalível quando vem baseada na infalibilidade da palavra de Deus. Este fator importantíssimo faz da fé algo infinitamente mais sólido que “todo conhecimento adquirido somente pela razão natural, por evidente que seja” (GILSON, 2014. p. 36).

Com respeito a revelação de Deus, a possibilidade de erros é nula, tendo em vista que a fonte deste conhecimento é o próprio Deus. Para o escolástico, toda a teologia depende desta fonte fiel, doutra forma, o que se teria seriam: informações convincentes, não convincentes prováveis, improváveis, possivelmente certas, erradas, etc. Neste sentido, toda teologia depende das Escrituras. Apesar deste conhecimento ser considerado inferior ou incompleto, é importante observar que Aquino não o desconsiderava. Em relação a este pensamento, Sproul apresenta a seguinte afirmação:

Dizer que Deus não é conhecido de modo completo ou até redentor pela teologia natural, não significa dizer que ele não pode ser conhecido nenhum pouco. Aquino argumenta que, apesar de a teologia natural ser mediata, análoga e incompleta, ela não deixa de ser verdadeira até onde chega. Há um grande valor para a apologética em demonstrar que Deus existe por si mesmo e é eterno. (SPROUL, 2002. p. 78).

Para Aquino, através da razão humana era possível alcançar ares elevadíssimos do conhecimento humano e de Deus, no entanto, era necessário reconhecer que apesar deste nível que a mente pode alcançar, ela possui sérias limitações que a impedem de conhecer determinadas áreas do conhecimento, principalmente sobre Deus.

1.3 COMO RELACIONAR O CONHECIMENTO DE DEUS COM A FÉ?

Alguns questionamentos surgem diante das considerações acima: como alguém pode crê em Deus, exercendo fé, sendo que parte deste conhecimento pode ser adquirido por meio da razão? Deve haver uma descrença (falta de fé) na existência de Deus após ser demonstrado

racionalmente que Ele existe? Ou, há possibilidade de exercer fé em algo que já se conhece? Estas perguntas podem apresentar alguns perigos que devem ser esclarecidos, de outra forma alguém poderia entender que se está falando de dois conceitos que se contradizem.

Para esclarecer este possível problema é necessário atentar para o objeto da fé em si. Para Tomás de Aquino, a fé não está diretamente relacionada com a proposição, mas sim com a substância a quem a proposição se dirige. A fé vai além do sentido inteligível das palavras, ela alcança diretamente o objeto de quem as palavras falam. Neste caso, para o escolástico, não há como provar racionalmente as verdades encontradas em uma proposição, pois a fé não se conclui na “fórmula” da proposição.

Deus dispensou sua graça não com o fim de se crer na base da palavra, mas em sua existência. Gilson, ao comentar Aquino quanto a isto, disse que “a afirmação de Deus pela fé é especificamente outra que sua afirmação pela razão filosófica” (GILSON, 2014. p. 39). Vale ressaltar que ambos os conhecimentos são frutos da graça de Deus, apesar de serem diferentes. A fé, não obstante, se torna uma virtude unicamente divina, uma vez que tem Deus, tanto por causa, como por objeto. Por esta razão, Gilson conclui que, para Aquino:

Conhecimento de fé e conhecimento de razão não são, pois, da mesma espécie, nem também do mesmo gênero. O conhecimento da existência de Deus, como assentimento à revelação que nos é dada, difere inteiramente daquele que a filosofia dá, no fato de que ele é, para o fiel, um primeiro discernimento real de Deus e seu primeiro passo sobre o caminho de seu fim último, a visão beatificada (GILSON, 2014. p. 39 e 40).

A fé de um cristão na pessoa de Jesus, segundo Aquino, não o leva a um conhecimento científico superior, mas à salvação. Por outro lado, a filosofia, por exemplo, não é um tipo de conhecimento pelo qual o homem alcança a salvação, este é um papel exclusivo da fé, que outorga ao pecador a liberdade do pecado. Por isso, Aquino conclui que a fé não pode ser perdida de vista, pois ela exerce uma função fundamental no plano de Deus, além de que, esta não contraria o conhecimento natural. “A declaração de fé na existência de Deus com o conhecimento certo que as demonstrações filosóficas dão, não levanta, pois, verdadeiramente, nenhum problema insolúvel” (GILSON, 2014. p. 40).

1.4 POR QUE AS VERDADES NÃO ACESSÍVEIS À INVESTIGAÇÃO DA RAZÃO FORAM CONVENIENTEMENTE PROPOSTAS POR INTERMÉDIO DA FÉ?

A fé cristã em muitos momentos foi questionada por não apresentar respostas racionais a várias de suas doutrinas. De fato, quando acontece de um cristão, por exemplo, ser questionado com uma pergunta do tipo: Quem criou Deus? De onde ele veio? Qual a sua origem? A resposta quase sempre é: não sei, mas eu acredito pela fé na sua existência. A pergunta que Aquino procurou responder é se esta proposta de “creio pela fé” é conveniente ou não.

O próprio Tomás escreveu que, “não se devia propor aos homens como [objeto] de fé as verdades que a razão não é capaz de descobrir, visto que a sabedoria divina providencia para cada coisa, o que lhe cabe, segundo a natureza das coisas” (TOMÁS DE AQUINO, 1990. p. 32). O escolástico, como já se sabe, entendia perfeitamente que existiam assuntos referentes a Deus que estavam além da compreensão humana. Esta verdade é relatada nas Escrituras da seguinte maneira: “Assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos mais altos que os vossos pensamentos” (BÍBLIA SAGRADA, 1994. p. 620).

Diante desta realidade, Aquino afirmou que, apesar desta limitação humana, Deus havia colocado no homem um interesse bem mais elevado, algo que ele normalmente não conseguiria alcançar racionalmente. Para o santo católico esta ordem foi dada por providência divina. Diante disto, “foi conveniente que a mente fosse atraída para algo mais auto que o atingido no presente pela nossa razão, de modo que esta aprendesse a desejar algo que excedesse totalmente o estado da presente vida, e se esforçasse para procurá-lo” (TOMÁS DE AQUINO, 1990. p. 32). Para o autor da *Súmula*, esta característica é propriamente dos cristãos, uma vez que seus interesses são, na maioria das vezes, espirituais e eternos.

O principal motivo a levar os cristãos a adotarem um nível mais elevado acerca do conhecimento de Deus, requerendo deles o auxílio da fé, é o fato da própria divindade ter feito o homem com anseios eternos. Nesta busca pelo superior, Tomás de Aquino informa que os próprios filósofos chegaram à conclusão que há bens mais valiosos que os sensíveis, ou seja, o gozo destes bens superiores são bem mais preciosos que os da vida terrena. Com base nesta

realidade, “foi também necessário terem sido tais verdades propostas à fé dos homens, para que tivessem um conhecimento mais veraz de Deus” (TOMÁS DE AQUINO, 1990. p. 26).

A ideia de que o homem possui um conhecimento limitado sobre o seu Criador tem uma finalidade importantíssima no plano de Deus segundo Aquino, qual seja, impedir os seres humanos de se enveredarem no caminho da presunção, da arrogância e do orgulho. Logo, o homem precisa se aproximar da modesta investigação das verdades divinas pela fé. Sobre isto o escolástico escreveu:

Há muitos, de fato, tão presunçosos da sua capacidade mental que julgam abarcar toda a natureza das coisas pelo intelecto, e pensam que tudo que veem é verdadeiro e falso o que não veem. Para que, pois, o espírito humano, libertado desta presunção, se aproximasse da modesta investigação da verdade, necessário foi proporem-se ao homem algumas verdades divinas que lhe excedessem o intelecto (TOMÁS DE AQUINO, 1990. p. 26).

Aquino, ao comentar uma obra de Aristóteles, escreveu que alguém conhecido por Simônides, no intuito de persuadir os homens a abandonarem todo conhecimento divino por serem inalcançados pela mente humana, afirmou que bastava aos seres humanos saber as coisas humanas, e aos mortais saberem as coisas dos mortais. No entanto, Aquino cita o filósofo que diz: “o homem deve, na medida do possível, elevar-se às coisas imortais e divinas”. O motivo desta busca, de acordo com o próprio filósofo, é que mesmo que se consiga compreender pouco sobre as substâncias superiores, isto vale muito mais que todo conhecimento de cunho inferior, ou seja, terreno.

Reafirmando as palavras do teólogo medieval, não há motivos para não se sujeitar ao conhecimento da fé, mesmo que a razão para tal confiança seja a incapacidade humana. O próprio Deus foi quem se encarregou de criar o homem com todas estas limitações. O motivo desta escolha de Deus se baseia no fato de a humanidade não saber lidar com algo tão sublime, pois de outra maneira o homem seria orgulhoso ao possuir tamanho conhecimento. Por este motivo, as verdades não acessíveis à razão humana são convenientemente aceitas pela fé.

1.5 A VERDADE DO CONHECIMENTO NATURAL NÃO É CONTRÁRIA À VERDADE DA FÉ

Por inúmeras vezes, a Bíblia foi questionada por não estar de acordo com o conhecimento natural. Segundo o pensamento moderno, as Escrituras possuem vários pontos

de divergência com o conhecimento científico que, conseqüentemente, faz do seu conteúdo algo sem valor. Um exemplo deste tipo de acusação veio por causa de uma expressão bem comum nas Escrituras, “os quatro cantos da terra”. Ao que parece, boa parte dos críticos haviam entendido que a Bíblia descrevia o mundo de forma quadrada. Todavia, o contra argumento dos fieis explicava que a expressão não deve ser compreendida literalmente, mas de forma metafórica, levando em consideração o fato de a linguagem ser fenomenológica.

Concernente a este relacionamento (fé e conhecimento natural), Aquino afirmou que, embora a fé exceda o intelecto humano, deve haver harmonia entre ambos. É impossível, pois, que os princípios da razão sejam opostos aos da fé, assim como, o conhecimento de natureza superior (fé) contrarie ao conhecimento natural (razão). Outro problema seria considerar ambos os conhecimentos como sendo falsos, já que é possível identificar inúmeras evidências nos dois sistemas.

O motivo desta conclusão, segundo Tomás de Aquino, ocorre porque Deus é o responsável por todo tipo de conhecimento. Nesta ocasião, pelo fato de Deus ser o responsável pela natureza, conclui-se que ele seja detentor de todo o conhecimento relacionado à sua criação. Não obstante, qualquer princípio natural deve logicamente estar contido na mente de Deus.

Aquino também concluiu que, uma vez que Deus é responsável pela natureza e possui todo conhecimento sobre ela, foi do seu querer incutir no homem grande parte deste conhecimento, motivo pelo qual o homem consegue chegar a conclusões verdadeiras sobre a natureza por meio do conhecimento natural. Ele disse: “o conhecimento dos princípios naturalmente evidentes é infundido em nós por Deus, pois Deus é o autor da natureza” (TOMÁS DE AQUINO, 1995. p. 28). Por esta razão, todo conhecimento contrário à sabedoria Divina deve ser considerado como falso.

Ao concluir que todo conhecimento verdadeiro vem de Deus Aquino ratifica sua tese de que as verdades recebidas por meio da fé não podem ser contrárias a todas as outras verdades. Logo, estes dois conceitos, fé e razão, não são antagônicos entre si, mas nascem da mesma fonte que é Deus. Para Aquino, é impossível, pois, que estas duas categorias apresentem divergências.

Por fim, tendo em vista que a natureza é algo permanente, ou seja, as verdades intrínsecas nela não podem mudar, assim como o conhecimento revelacional de Deus, conclui-se que eles se encaixam perfeitamente com a natureza do Criador, que também é imutável. Por estes motivos, “Deus não infunde no homem conceitos e verdades de fé contrários ao conhecimento natural” (TOMÁS DE AQUINO, 1995. p. 29).

1.6 DE QUE FORMA AS VERDADES DIVINAS ACESSÍVEIS À RAZÃO PODEM SER CONSIDERADAS OBJETO DE FÉ?

Dois problemas surgem a partir do momento em que o homem compreende por meio da razão assuntos relacionados à pessoa de Deus, são eles: onde encontrar espaço para a fé diante de uma informação obtida por meio da própria razão humana? E, por que não considerar “inútil a transmissão de tais verdades como objeto de fé por via de inspiração sobrenatural?” (TOMÁS DE AQUINO, 2004. p. 136). Aquino procurou solucionar estes possíveis problemas afirmando que a capacidade cognitiva para compreender verdades sobre Deus é desfrutada por poucos homens. Ele entendia que o conhecimento racional da pessoa de Deus só pode ser alcançado mediante muito labor, algo que poucos homens estão dispostos a enfrentar.

Para Aquino esta busca era impossível para a maioria dos homens por três motivos. Primeiro, as más disposições do temperamento humano os impedem de avançar na pesquisa deste conhecimento. Tomás chegou a dizer que esta indisciplina do homem o levava a desviar-se deste saber. O homem ainda possui outro agravante que conseqüentemente o impede de, até mesmo, almejar tal conhecimento, ou seja, a ocupação com as coisas temporárias. Neste caso, o tempo que o homem poderia investir no conhecimento de Deus, ele aplica nas coisas temporais. Outro obstáculo que o impede de tal contemplação é a preguiça. O preguiçoso ao se deparar com o enorme desafio o abandona rapidamente, pois isso requer muito trabalho.

Outro inconveniente, segundo Aquino, seria que: “os homens que chegassem à descoberta de tais verdades só o conseguiriam com dificuldade e após muito tempo de busca” (TOMÁS DE AQUINO, 2004, p. 137). O autor da *Súmula* compreende que se este fosse o único meio do homem alcançar respostas a respeito de Deus, todos ainda estariam vivendo em profunda ignorância e em um mundo de trevas.

Por fim, o terceiro problema é que as pesquisas realizadas pela mente humana estão todas fadadas ao erro, isto ocorre por conta da fraqueza natural que atua na mente de todos os seres humanos. Com base nestes três inconvenientes, Aquino conclui que:

... era necessário que transmitisse aos homens, pelo caminho da fé, uma certeza bem firme e uma verdade sem mescla, no que concerne às coisas de Deus. Ora, a misericórdia divina proveu a isto de maneira salutar, obrigando-nos a aceitar como objetos de fé aquelas mesmas coisas que, per si, seriam acessíveis à razão. Desta maneira, todos têm a possibilidade de participar do conhecimento de Deus, sem perigo de dúvida ou de erro (TOMÁSDE AQUINO, 2004. p. 138).

De acordo com esta conclusão, entende-se que a fé não contraria o conhecimento racional adquirido pelo homem. Isto ocorre porque tal conhecimento só pode ser isento de erros se estiver de acordo com a revelação de Deus. Aquino observou que o conhecimento sobre Deus só é válido quando este coaduna com o das Escrituras, que por sua vez, exige fé por parte do indivíduo. A fé não está relacionada com o conhecimento adquirido racionalmente pelo homem, além do que, este conhecimento está fadado ao erro que atua naturalmente no homem por causa do seu pecado. Mas se este conhecimento, mesmo que seja alcançado por uma mente brilhante, estiver de acordo com a Palavra de Deus, deve ser recebido por fé.

Outra verdade expressa por Aquino, segundo sua proposta, diz respeito a misericórdia de Deus. Neste caso, é de se esperar que um Deus bondoso e misericordioso se auto revele a este homem que, dificilmente, por sua própria inteligência alcançaria este conhecimento. Por isso, Aquino afirma que somos obrigados a aceitar como objeto de fé, até mesmo aquelas coisas que seriam acessíveis à razão humana.

Um problema considerável que é solucionado diante desta explicação, diz respeito àqueles que não teriam nenhuma condição racional de chegar a qualquer um destes conhecimentos sobre Deus. Como fora dito acima, apenas uma pequena parcela da humanidade poderia alcançar um destes conhecimentos sobre Deus, sendo que, tais conhecimentos estariam fadados ao erro, segundo a condição do ser humano. Desta maneira, Deus resolveu por meio da sua auto manifestação o problema de muitos que não obteriam este conhecimento, mas que, por meio da fé, têm a possibilidade de saber sobre Deus.

Conclui-se então que, a revelação de Deus para Aquino não é uma simples doutrina sem fundamento ou propósito, mas algo fundamental que surge para suprir uma deficiência do homem. De outra forma, todas as conclusões humanas sobre o divino seriam apenas

especulações ou fruto de uma mente sonhadora. Aquino chega à conclusão que o conhecimento de Deus, mesmo que este possa ser alcançado racionalmente pelo homem, deve ser recebido por fé, pois esta revelação surgiu de um Deus imaterial que não pode ser identificado a olho nu, mas dá provas de sua existência através da sua revelação.

1.7 AS CINCO VIAS DE TOMÁS DE AQUINO

As *Cinco vias*, meios pelos quais Aquino procurou demonstrar a existência de Deus, ficaram registrada em duas das suas maiores obras, *A Súpula Teológica* e *A Súpula contra os Gentios*. Na *Súpula Teológica*, Tomás de Aquino deixou claro qual era o seu objetivo com as cinco vias. Ele procurou dar uma resposta àqueles que advogavam contra a existência de Deus. Em suas palavras, o santo católico procurou apresenta duas possíveis provas da não existência de Deus utilizadas pelos seus adversários (ateus).

A primeira diz respeito a ideia de um Deus infinitamente bom e a presença do mal. Para os ateus, a quem Tomás de Aquino se referia, era ilógico conceber uma relação como esta, pois ambas as afirmações se contradiziam. O segundo motivo apresentado é baseado na não necessidade de uma causa sobrenatural para explicar a realidade. É possível entender por outros princípios como o natural e o racional a existência de todas as coisas.

Em primeira instância, Aquino respondeu as objeções citando o texto sagrado que diz: “Eu sou quem sou”¹. O próximo passo do escolástico foi apresentar as cinco vias como demonstração da existência de Deus. Nesta ocasião, o escolástico procurou se utilizar de argumentos lógicos, assim como os seus adversários. Na *Súpula Contra os Gentios*, as palavras que antecedem as cinco vias dizem o seguinte:

Tendo em vista que não é vão o esforço dispendido na demonstração que Deus é, vamos apresentar as razões segundo as quais os filósofos e os doutores católicos provaram que Deus é. Primeiramente apresentaremos as razões segundo as quais procede Aristóteles, para provar que Deus é. Pretende ele prová-lo, partindo do movimento, por duas vias. (AQUINO, 1990 p. 37)

1 Esta é a tradução da própria *Súpula Teológica*. Esta obra (*A Súpula Teológica*) recebeu a tradução para o português de Alexandre Corrêa.

Três pontos importantes destacam-se nesta breve descrição de Aquino sobre as *Cinco vias*. A primeira é que o teólogo católico faz uso imediato da palavra de Deus. O uso das Escrituras lhe serviu de base para questionar a descrença dos ateus de sua época. O segundo é que Aquino procurou utilizar-se de critérios que são aceitos por seus adversários, ou seja, a razão humana e a lógica. Em terceiro lugar, além de se apoiar nos doutores católicos, o aquinate utiliza-se da filosofia aristotélica, assumindo que ambos apresentam provas da existência de Deus.

Após os esclarecimentos, Aquino passa a explicar as cinco vias e como elas podem provar a existência de Deus. A primeira via é procedente do movimento, isto é, todo movimento é ocasionado por outro. Aquino argumenta que só há movimento se houver potencial, pois mover é exatamente a ação de levar alguma coisa da potência ao ato. Neste caso, é impossível que algo seja ato e potência ao mesmo tempo.

Porém, se o motor que move o objeto da potência a ação também é movido por outro, como resolver este problema? Este fenômeno ocorre infinitamente? Para Aquino isto não é possível, pois é necessário que haja um primeiro motor, que por sua vez não é movido por nenhum outro anterior a ele. A este motor, conforme Aquino, todos dão o nome de Deus.

A segunda via procede da causa eficiente. Nesta demonstração Aquino desenvolve o argumento de que toda causa eficiente carece de um antecedente, pois se determinado objeto fosse a sua própria causa ele existiria antes da sua existência, o que é logicamente um absurdo. Mais uma vez, ou se entende que há uma causa eficiente ou que este fenômeno é infinito. No entanto, “procedendo-se até ao infinito, não haverá primeira causa eficiente, nem efeito último, nem causas eficientes médias, o que é evidentemente falso” (AQUINO, 1980 p. 19).

A terceira via é baseada no ser contingente e no ser necessário. Sproul (2002) resumiu esta via da seguinte forma:

A terceira prova da existência de Deus de Tomás de Aquino é a do ser necessário (*ens necessarium*). Essa prova via de regra é considerada parte do argumento cosmológico, mas é mais correto chama-lo de ‘ontológica’, pois é um argumento a partir do ser. Na natureza encontramos coisas contingentes, que podem ser ou não ser (uma possibilidade que Hamlet compreendeu plenamente a respeito de se mesmo). Essas coisas ou ‘seres’ não existem sempre. Elas também passam pela mudança inerentes a geração e decadência. Houve um tempo em que elas não eram. Dizer que é possível que algo não exista pode significar que em algum momento do passado isso não existiu, que pode deixar de existir no futuro (pelo menos como entidade individual),

ou ambos. O ser possível, portanto, é uma referência a um ser que não pode ser. Nenhum ser que é possível é auto-existente; ele não tem o poder de ser em si mesmo. Se todas as coisas da realidade fossem apenas possíveis, então em algum momento não teria havido nada existindo.

A quarta prova da existência de Deus gira em torno do grau de perfeição encontrado nas coisas. Todas as coisas apresentam um grau maior ou menor de beleza, bem, verdade, nobreza etc. Para que se observe uma imperfeição em determinado objeto é necessário que se tenha uma ideia do perfeito, de outra forma a observação será no mínimo arbitrária. Entende-se então que, “o que é maximamente tal, em um gênero, é causa de tudo o que esse gênero compreende” (AQUINO, 1980 p. 19). Aquino conclui que, “... a um ser, causa dos seres e da bondade, e de qualquer perfeição em tudo quanto existe, e chama-se Deus” (AQUINO, 1980 p. 19).

A quinta via trata da ordem no universo. Esta via também é conhecida como argumento teleológico, que vem do grego *telos* que significa ordem ou objetivo. A ideia deste argumento surgiu a partir do funcionamento ordenado da terra e de suas ações previsíveis. Segundo Aquino pode-se chegar a duas conclusões ao observar este funcionamento regular e ordenado. Ou existe um ser inteligente e capaz de organizar todas as coisas, ou atribuímos esta perfeição ao impessoal (acaso). Para Aquino a primeira opção é a verdadeira, e este ser inteligente e capaz chamou de Deus.

Aquino conclui as *Cinco vias* dando uma resposta para os que descreiam da existência de Deus por causa da presença do mal e de outras possibilidades de se explicar a realidade. Aos que se apoiavam no problema do mal Aquino escreveu: “Como diz Agostinho, Deus é sumamente bom, de nenhum modo permitiria existir algum mal nas suas obras, se não fosse onipotente e bom para, mesmo do mal, tirar o bem. Logo, pertence a infinita bondade de Deus, permitir o mal para deste fazer jorrar o bem” (AQUINO, 1980 p. 20). Com respeito aos que atribuíam outras possibilidades Aquino respondeu:

A natureza, operando para um fim determinado, sob a ação de um agente superior, é necessário que as coisas feitas por ela ainda se reduzam a Deus, como a causa primeira. E, semelhante, as coisas propositadamente feitas devem-se reduzir a alguma coisa mais alta, que não [é] a razão e a vontade humana, mutáveis e defectíveis; é logo, necessário que todas as coisas móveis e susceptíveis de defeito se reduzam a algum primeiro princípio imóvel e por si necessário, como se demonstrou. (AQUINO, 1980 p. 20).

O que se percebe, conforme observado acima, é que Tomás não pretendia formar uma teologia natural em detrimento da revelação especial de Deus, mas rejeitar uma falsa

compreensão (não existência de Deus) com base nas Escrituras como foi visto acima, e na razão humana, utilizando-se da criação e da filosofia de Aristóteles que, “tornou-se, a partir do século XIII, ‘o filósofo’ por excelência” (PANNENBERG, 2008 p. 73).

Conforme *A Súplica Contra os Gentios*, Aquino também propôs com as *cinco vias* mostrar que este esforço para provar a existência de Deus não era vão. É possível que Tomás de Aquino com este argumento estivesse se referindo a dois grupos de pessoas, os que afirmavam que a existência de Deus é evidente por si só, e não carece de argumentos lógicos, e os que entendiam que é impossível demonstrar a existência de Deus a não ser pela fé somente.

Apesar de considerar possível o conhecimento de Deus através da criação, Tomás de Aquino reconhecia que este conhecimento era *mediato, análogo e incompleto*. Por *mediato*, o discípulo de Carlos Magno queria dizer que a teologia natural era considerada através da criação, ou seja, por meio das coisas criadas. A base que Aquino se utilizou foi a própria palavra de Deus; Salmos 19:1 e Romanos 1:20. Ao dizer que a teologia natural era *análoga*, Aquino estava se referindo a nossa linguagem a respeito de Deus. Sproul (2002) explicou este conceito como se segue:

Deus é infinito e nós somos finitos. Somos diferentes de Deus, mas não tão diferentes que nossa maneira de falar sobre ele seja sem sentido ou apenas equívoca. Ela faz sentido porque é análoga. É possível falar de maneira análoga de Deus porque há certo sentido nas coisas que o ser humano é semelhante a Deus. Isso é o que Tomás de Aquino chama de *analogia entis*, ‘a analogia do ser’, entre o ser humano e Deus. Essa analogia do ser tem suas raízes no fato de o ser humano ter sido criado à imagem e semelhança de Deus.

Por *incompleto*, Aquino entendia que tal conhecimento era limitado com relação a revelação especial, principalmente, por causa da limitação humana. No entanto, como salienta o teólogo reformado R. C. Sproul, isto não faz deste conhecimento algo sem valor ou desprezível, mas, até onde se pode chegar com este método, será extremamente proveitoso fazer uso deste recurso, principalmente na área apologética.

2 – A POLÊMICA EM TORNO DA SÍNTESE TOMISTA NA TRADIÇÃO TEOLÓGICA POSTERIOR

A relação entre a fé e a razão proposta por Tomás de Aquino foi motivo de discussão desde o início. Concorde-se que, um dos primeiros desafios enfrentado pelo santo católico foi

a forte oposição dos cristãos agostinianos, que por sua vez aceitavam o pensamento platônico como ponte para alguns ensinamentos das Escrituras. Para estes, o problema não estava com o uso da filosofia na teologia, algo comum naquela época, mas o tipo de filosofia que estava sendo relacionada com a doutrina cristã.

Além de enfrentar uma forte oposição por parte dos agostinianos e da escola franciscana, Aquino também recebeu duras críticas por fazer uso da filosofia para explicar a teologia. Vale destacar que esta foi uma dificuldade enfrentada não só por Tomás de Aquino. O historiador Latourette disse que “na busca de respostas, os escolásticos tiraram vantagem das ferramentas proporcionadas para eles pelos filósofos gregos pré-cristãos, especialmente Platão e Aristóteles” (LATOURETTE, 2006 p. 696). Entretanto, este ideal não foi aceito por grande parte da irmandade, causando uma forte divisão.

Após os anos 1350, um abismo entre a fé e a razão estava sendo formado por novas correntes que posteriormente alcançariam uma forte aceitação. Esta “nova” cosmovisão foi inicialmente moderada e apresentou vários pontos de contato com a teologia dos escolásticos. Todavia, a separação entre a fé e a razão se tornou algo tão forte que acabou acarretando uma quebra total entre estes conceitos que, conseqüentemente, “encaminhou-se para o misticismo como forma pela qual o indivíduo poderia ir diretamente à presença de Deus” (CAIRNS, 1995 p. 194).

2.1 JOÃO DUNS SCOTUS E O PARCIAL DIVÓRCIO ENTRE A FÉ E A RAZÃO

Scotus foi um franciscano que nasceu, provavelmente, em 1265. Foi contemporâneo de Carlos Magno e Tomás de Aquino, apesar de ser bem mais jovem. Recebeu grande prestígio dos franciscanos por causa de sua teologia, chegando a assemelhar-se com Tomás de Aquino e o prestígio que este havia recebido pela escola adversária, os dominicanos. A teologia destes dois teólogos medievais, apesar de haver consideráveis semelhanças, tiveram profundas diferenças que chegaram a provocar uma ruptura total entre a fé e a razão com Guilherme de Ocam.

Se, por um lado, Aquino sustentou a ideia de que a vontade Deus age de acordo com a razão, Scotus afirmava que Deus era totalmente livre para agir, quer conforme a razão ou não. Apesar de crer que Deus não estava submetido à lógica, Scotus não acreditava em um Deus

sem ordem ou ilógico. “Duns Scotus não pensava de Deus como [um] caprichoso ou tendente ao caos. No entanto, era a vontade de Deus e não a razão ou a sua mente que trouxera o mundo à existência” (LATOURETTE, 2006 p. 693). Sobre o assunto Gonzalez (2004 p. 304) escreveu:

Como já foi dito, o voluntarismo de Scotus não deve ser interpretado no sentido de que Deus age de um modo arbitrário. Mas em muitas ocasiões, Scotus alegou que Deus não está sujeito à nossa racionalidade humana. Assim, seu criticismo do entendimento de Anselmo da redenção foi basicamente que, embora os argumentos de Anselmo pudessem parecer muito razoáveis, eles realmente não eram assim no sentido de possuírem uma necessidade racional.

Além de apresentar esta “liberdade” em Deus, o franciscano também foi forte ao defender a autoridade da Igreja católica, alegando que é um dever acreditar no que a mesma diz, mesmo que tal ensino se pareça contraditório ou irracional. Por estes e outros motivos, Scotus foi considerado por alguns como o crítico que iniciou a destruição do relacionamento entre a fé e a razão.

Considerar-se-ia um completo exagero atribuir ao “Doutor sutil”, como ficou conhecido, a mudança de paradigma do realismo moderado, sustentado por Aquino, para o nominalismo, “teoria segundo a qual nem conceitos universais nem essências são reais, isto é, não têm existência além da mente. Tudo é individual” (GEISLER, 2002 p. 636). Mas, uma gama de fatores pode ser sugerida para esta mudança. Olson resumiu diversos fatores que contribuíram não só para esta mudança, mas para coisas bem maiores:

O nacionalismo estava em alta, a peste bubônica dizimava a população e a igreja estava desmoronando. O grande sonho de outrora da Europa totalmente unificada e governada pelo papa e pelo imperador trabalhando juntos sob a orientação divina começou a se desvanecer rapidamente quando a igreja caiu sob o domínio dos reis franceses e o papado se mudou para Avinhão na França (1309-1377), e quando os reis das nações supostamente faziam parte do Sacro Império Romano entraram em guerra uns contra os outros (...) No clima de confusão e caos cultural e religiosos como esse, não é de admirar que alguns teólogos cristãos começaram a se aliar a reis sob proteção podiam prosperar enquanto reivindicavam reformas tanto na estrutura da igreja quanto na teologia (2001 p. 357).

2.2 A SEPARAÇÃO ENTRE A FÉ E A RAZÃO NA TEOLOGIA DE GUILHERME DE OCCAM

O colapso do escolasticismo é relacionado com a decadência da abordagem intelectual que procurava confirmar as verdades do cristianismo por meio da razão. Se Scotus não teve uma participação tão decisiva para o declínio do escolasticismo em sua época, não podemos

dizer o mesmo de seu contemporâneo Guilherme de Occan. O também franciscano Occan nasceu por volta de 1280, na Inglaterra. Sua visão a respeito da escola franciscana era considerada radical, pois além de querer voltar aos ideais de pobreza defendidos por São Francisco de Assis, Guilherme “criticava duramente o poder e as riquezas do papa e da igreja, contrapondo-os com o modo de vida de Cristo” (OLSON, 2001 p. 359).

Guilherme propôs o completo divórcio entre a razão e a fé, alegando que nenhuma crença do cristianismo poderia ser demonstrada por meio da razão ou pela lógica. “Mesmo a existência de Deus, afirmou ele, não pode ser demonstrada, e ele achava inconclusivos todos os argumentos que Aquino acrescentou para apoiá-la” (LATOURETTE, 2006 p. 695). Assim como Duns Scotus, considerava a igreja e o ensino das Escrituras como suficientes, por meio dos quais recebemos todo o conhecimento pela fé.

Guilherme não via necessidade em conciliar a fé e a razão, uma vez que havia uma primazia absoluta da vontade de Deus sobre a racionalidade humana. “Por tanto, seria fútil tentar provar por argumentos da necessidade lógica o que é, de fato, verdade quanto a razão apenas por que Deus escolheu assim fazê-lo” (GONZALEZ, 2004 p. 307). Houve, pois, quem assumisse uma posição tão radical a respeito da vontade de Deus que chegou a concluir que é possível que Deus seja arbitrário em algumas de suas ações, ou seja, “Deus poderia até mudar a distinção básica entre bem e mal, de forma que o que é agora mal poderia então ser bom” (GONZALEZ, 2004, p. 307).

As palavras de Latourette (2006 p. 695) são simplesmente esclarecedoras com respeito a este cisma: “Aqui estava o divórcio completo entre a fé e a razão. O escolasticismo chegara ao ponto em que aceitava a derrota na luta pelo que fora seu grande objetivo, ou seja, empregar as ferramentas dadas pelos filósofos gregos pré-cristãos para demonstrar pela razão a validade das grandes afirmações cristãs”. Fato é que, os conceitos de Occan não foram aceitos por unanimidade, porém Occan ganhou grande admiração por causa de sua teologia.

Nas palavras de Geisler (2002 p. 377) “Occan não era cético com relação à existência de Deus. Era um teísta. No entanto, sua metodologia minou a defesa apologética do teísmo. Suas objeções ao argumento cosmológico anteciparam Hume e Immanuel Kant. Como fora dito, a tendência em 1350 era o afastamento da proposta tomista de unir a fé e a razão.

Outro movimento que contribuiu para o declínio do escolasticismo, posteriormente, foi o misticismo do fim do período medieval. Apesar de seus líderes terem sido treinados nas melhores escolas, a “nova geração” entendia que os debates em torno dos círculos acadêmicos eram inúteis, chegando-se à conclusão que os esforços empregados não eram proveitosos para a vida de fé que precisavam cultivar.

2.3 A CRÍTICA DE LUTERO À VISÃO TOMISTA

Lutero, o grande reformador alemão, não deixou dúvidas sobre a sua insatisfação com a teologia escolástica. Uma vez que o alemão havia recebido parte de sua educação conforme os padrões da escola occamista², cedo passou a rejeitar a maneira escolástica de fazer teologia. Lutero ainda foi fortemente influenciado pela teologia agostiniana, algo que levou o reformador a discordar da forte apreciação escolástica pela razão humana.

Apesar da sua ocupação com outras doutrinas das Escrituras, Lutero, por muitas vezes, se pronunciou contra a teologia escolástica. Não obstante, “Lutero percebeu que a teologia estava acorrentada no cativeiro da escolástica, impossibilitada de articular adequadamente a questão essencial da fé cristã, ou seja, graça e justificação, Deus em seu relacionamento com o ser humano e vice-versa” (FISCHER, 1987 p. 13). Este mesmo autor, a respeito do reformador alemão afirma:

As verdades da fé não podem ser compreendidas em toda sua profundidade mediante as regras da lógica filosófica. A teologia precisava ser libertada, sobre tudo da ‘ditadura’ de Aristóteles, a quem certa vez, Lutero caracterizou como ‘esse palhaço que, com sua máscara grega, tanto enganou a igreja’. O método teológico alternativo era o do paradoxo: afirmações que a lógica tradicional considerava paradoxais passaram a ser usadas para expressar adequadamente as verdades cristãs.

Lutero empregou esforços e convenceu alguns de seus colegas de faculdade a substituírem algumas das matérias tradicionais por outras que pudessem conduzi-los ao centro da fé cristã. Em maio de 1517 o reformado reconheceu que a teologia agostiniana, a qual defendia, estava predominando, enquanto a lógica aristotélica estava perdendo forças.

² Guilherme de Occam procurou desvencilhar a razão e a fé.

Entre os dias 21 de agosto e quatro de setembro de 1517, Lutero redigiu 97 teses que criticavam ferrenhamente o sistema teológico escolástico. Esta atitude de Lutero provocou certa divisão de opiniões, pois, se para seus ex-professores Lutero se mostrava alguém arrogante e intolerante para com os que discordavam da sua teologia, para outros, “as críticas de Lutero foram recebidas como um ato de libertação das verdades bíblicas de seu cativo aristotélico-escolástico. O que se observa nas teses de Lutero é uma forte oposição a teologia escolástica, que por sua vez, seguia a filosofia aristotélica como se pode ver nas teses 43 à 50;

43- É um erro dizer que, sem Aristóteles, ninguém se torna teólogo 44- Muito pelo contrário, ninguém se torna teólogo a não ser sem Aristóteles 45- Dizer que o teólogo que não é um lógico é um monstro herege, é Nenhuma forma silogística subsiste em questões divinas 48- Mesmo assim, não se segue daí que a verdade do artigo sobre a trindade contraria as fórmulas silogísticas 49- Se uma fórmula silogística subsistisse em questões divinas, o artigo sobre a trindade seria conhecido, em vez de ser crido. 50- Em suma, todo o Aristóteles está para a teologia como as trevas está para a luz (LUTERO, 1987 p. 17s).

Lutero argumentava que não era possível enxergar as coisas invisíveis de Deus por intermédio das coisas criadas (visíveis), pois “isto fica evidente através daqueles que fizeram isso e que, não obstante, são chamados de tolos pelo apóstolo em Rm 1.22” (LUTERO, 1987 p. 49). Para o reformador alemão, as coisas invisíveis de Deus só podem ser compreendidas se enxergadas através do sofrimento de Cristo na cruz. Se para Tomás de Aquino as coisas visíveis são como pegadas deixadas por Deus, para Lutero, visível e invisível são opostas entre si.

Porque os seres humanos abusaram do conhecimento de Deus a partir das obras, Deus, por sua vez, quis ser reconhecido a partir dos sofrimentos e quis reprovar aquela sabedoria das coisas invisíveis através da sabedoria das coisas visíveis, para que, desta forma, aqueles que não adoraram a Deus manifesto em suas obras adorassem ao Deus oculto nos sofrimentos, como diz 1Co 1.21: ‘Como na sabedoria de Deus o mundo não conheceu a Deus pela sabedoria, aprouve a Deus salvar os crentes pela tolice da pregação’. Assim, não basta nem adianta ninguém conhecer a Deus em glória e majestade se não o conhece também na humildade e na ignomínia da cruz (LUTERO, 1987 p. 50).

Com base nesta perspectiva teológica, Lutero desenvolveu a “teologia da glória”, se referindo aos escolásticos, e a “teologia da cruz”, expressão que atribuiu para o verdadeiro conhecimento que homem poderia ter de Deus. Ele concluiu que Deus não pode ser encontrado a não ser pelo sofrimento na cruz. Não obstante, o reformado defendeu que os escolásticos trocavam o bem pelo mal, uma vez que exaltavam as obras e sua glória, e desprezavam a cruz e o sofrimento de Cristo.

2.4 O PRESSUPOSICIONALISMO VANTILIANO

Após receber duras críticas do cético David Hume (1711) e do anti-sobrenaturalista Immanuel Kant (1724), a teologia tomista sofreu sérios ataques também por parte dos teólogos reformados. Alguém que se destacou nesta ala conservadora foi o holandês Cornelius Van Til. Nascido em 1895 na Holanda, Van Til, ainda jovem, emigrou para os Estados Unidos. Depois de haver frequentado o Seminário de Princeton o reformado se tornou professor de apologética no Seminário Teológico Westminster, desde a sua fundação, tornando-se então um grande proponente da apologética pressuposicionalista³. Francis Schaeffer, aluno de Van Til, seguiu de perto o ideal proposto por seu professor.

Van Til além de ser um pressuposicionalista assumido, era ferrenho em suas críticas sobre a apologética *tradicional* ou *clássica*⁴. Uma das acusações feita pelo holandês diz respeito à epistemologia e a metafísica utilizada pela ala evidencialista que, a seu ver, defendia uma posição equivocada. Van Til alegou que, em geral, a epistemologia católica, fruto da influência tomista, não era cristã, mas particularmente aristotélica.

O catolicismo, para Van Til, havia assumido uma relação com a filosofia aristotélica que destruía as diferenças entre Deus e o homem, tendo em vista que Deus estava, em última instância, sujeito a uma verdade externa a Ele. Nas palavras do reformado, “o catolicismo romano pressupõe que Deus e o homem possuem exatamente o mesmo tipo de relação com a lei da não contradição” (VAN TIL, 2010 p. 30). Van Til condenou esta abordagem, pois entendia que este pensamento reduzia Deus e abria espaço para uma abstração superior ao Criador.

O apologeta católico-romano fará seu apelo final ao ‘conhecimento em geral’ em vez de fazê-lo à Trindade ontológica autoconsciente. Ele tentará provar a existência de Deus pelo método de Aristóteles, i.e., mostrando que a existência de Deus está de acordo com a ideia da ‘lógica em geral’. Com esse raciocínio ele não prova a existência da Trindade ontológica; ele ‘prova’ a existência de um deus, um deus que se encaixa no seu padrão do ‘ser em geral’. (VAN TIL, 2002 p 39).

3 De acordo com Geisler, “a apologética pressuposicional é o sistema que defende o cristianismo tendo como ponto de partida certas pressuposições básicas. O apologeta pressupõe a verdade do cristianismo e depois raciocina a partir desse ponto” (GEISLER, 2002 p. 712).

4 A apologética clássica utiliza-se de argumentos racionais para explicar e comprovar a existência de Deus. Normalmente este tipo de apologética baseia-se em evidências filosóficas e históricas.

A apologética tradicional foi alvo da crítica vantiliana por comprometer algumas verdades importantes para o cristianismo. Primeiro, ela comprometia Deus ao afirmar que a sua existência era possível, embora consideravelmente provável. Se estivesse comprometida com as Escrituras, segundo Van Til, a existência de Deus seria certa e racionalmente necessária. Por isso, observar Deus por meios fora de Deus comprometeria Sua existência, colocando-O no campo do provável.

Van Til concluiu que, uma vez que atribuímos a algo o poder de provar a existência de Deus, este algo está fora de Deus, que por sua vez nos leva a comprometer a única causa suprema que é Deus. Assim como seu aluno Francis Schaffeer, Van Til acreditava que Deus é a causa última de todas as coisas, e além d'Ele não poderia existir absolutamente nada. Deus é a “última tela”. Se concordarmos com um método que avalia Deus, conclui-se que este algo é a “última tela”, o que é um absurdo para Van Til.

Para o reformado, a apologética tradicional também compromete a pecaminosidade que herdamos de Adão. A queda do homem se estendeu por todas as suas faculdades, comprometendo sua ética, relacionamento com Deus, pensamentos, atitudes etc. Se, no entanto, o homem está apto para conhecer Deus através das coisas criadas, compreende-se então que há faculdades no homem que não foram afetadas pelo pecado, ou se foram, não foi o bastante para impedi-lo de conhecer a Deus. Isto, por sua vez, reduz a revelação especial, que neste caso não seria totalmente necessária. Van Til condenou a posição católica-tomista por conceder “a mente do homem a autossuficiência ou a supremacia” (VAN TIL, 2010 p. 89). Isto, a seu ver, foi o grande defeito da visão católica.

A apologética católico-tomista também foi acusada por Van Til por não se comprometer com a doutrina das Escrituras. A proposta clássica assumida pela igreja católica e os arminianos, atribui ao homem uma independência que, conseqüentemente, permite ao indivíduo construir um teísmo diferente da proposta cristã. O reformado afirmou que esta busca por evidências não culminará no Deus descrito pelas Escrituras, mas em uma abstração impessoal.

Sobre sua visão pressuposicionalista, Van Til observou que este era o método apologético consistentemente cristão. O apologeta cristão deve admitir, claramente, que sua metodologia é baseada em pressuposições, “isso implica [em] uma recusa na aceitação de qualquer área ou aspecto da realidade, e qualquer fato ou lei da natureza ou da história, possa

ser corretamente interpretado, exceto se for visto à luz das principais doutrinas do cristianismo” (VAN TIL 2010 p. 95).

O pressuposicionalismo evita o que Van Til chama de “redução da natureza do cristianismo”, ou seja, uma vez que assumimos um método não cristão, a fim de “parecermos” racionais, estamos reduzindo o cristianismo em troca de algo inferior. A tentativa de defender o cristianismo por meio de um método não cristão, segundo Van Til, não o prova, mas o reduz. Por tanto, “o ponto de partida, o método e a conclusão estão sempre envoltos um no outro” (VAN TIL 2010 p. 100).

Conforme a apologética vantiliana, cosmovisão e método estão implícitos um no outro, logo não é possível que haja uma separação entre estas categorias. Para Van Til, uma apologética consistentemente reformada evita qualquer separação entre cosmovisão e método, do contrário estaríamos deixando a cosmovisão cristã de lado para ganhar a credibilidade de um incrédulo, o que é completamente uma inversão de valores. Van Til acusava os apologetas católicos-tomistas de invertermos os valores cristãos.

3 – PROPOSTA DE JUSTIFICATIVA DA SÍNTESE TOMISTA

Ao contrário do que muitos pensam a teologia escolástica não procurou banir a fé de seu arcabouço teológico e nem reduzi-la, mas “procurou criar um sistema de pensamento coerente e abrangente” (SPROUL, 2002 p. 68). O próprio crítico da teologia tomista, Colin Brown (2007), reconhece que “não era a intenção de Aquino eliminar a fé e (ou) reduzir ao mínimo a importância da revelação”. Para o professor do Fuller, esta verdade pode ser facilmente percebida ao longo da *Suma Teológica*.

3.1 A TEOLOGIA TOMISTA SUBMETE DEUS AO RACIOCÍNIO LÓGICO?

Uma das críticas atribuídas a Tomás de Aquino e aos escolásticos em geral, diz respeito à tentativa de submeter Deus ao raciocínio lógico. Os críticos argumentam que, se Deus está preso a uma abstração por meio da qual suas ações são limitadas, logo existe algo que está acima de Deus. Para estes, o que os escolásticos fizeram foi reduzir a ação de Deus com o intuito de ser lógico o bastante para convencer os que não acreditavam na doutrina cristã. Van

til (2010) disse: “Daí as ações do homem no campo da verdade se dão, em última instância, não em relação a Deus, mas em relação a uma abstração que está acima de Deus, a Verdade em si”.

No entanto, ao invés de atribuir à lógica um valor superior a Deus, Tomás de Aquino entendia que a lógica existia em Deus, pois Deus é lógico. Não é que Deus estava sendo submetido a uma abstração, mas a Ele mesmo. O motivo de haver uma lógica é por que o próprio Deus é invariável em sua ciência. Uma vez que a ciência respeita uma ordem estabelecida por Deus, invariavelmente esta ordem produz uma lógica coerente que é imutável, tendo em vista a natureza de Deus ser imutável como já se sabe.

Sendo a ciência de Deus a sua substância, como resulta do que já foi dito, e sendo a sua substância absolutamente imutável, como já se demonstrou, resulta necessariamente que a sua ciência é absolutamente invariável (...) Ao passo que a ciência, o amor ou coisas semelhantes implicam relações consequentes a atos, que se entendem como existentes em Deus e, por isso, se predicam invariavelmente. (TOMÁS DE AQUINO, 1980 p. 156).

Ao afirmar que Deus não era variável em sua ciência, Tomás de Aquino não estava anulando o fato de Deus agir sobrenaturalmente, pois o próprio aquinate reconhecia que Deus agia em uma esfera superior a da razão humana, tornando a fé o único meio pelo qual o homem assimilava certas verdades do cristianismo. Por este motivo, seria uma inverdade dizer que Aquino acreditava em uma força acima de Deus que O submetia a uma lógica racional.

3.2 TOMÁS DE AQUINO FEZ ALGUMA SEPARAÇÃO ENTRE NATUREZA E GRAÇA?

Segundo Sproul, o maior erro de alguns com respeito a teologia de Tomás de Aquino foi atribuir ao santo católico uma separação entre natureza e graça. Sproul alega que “quem acusa Tomás de separar a natureza da graça não entende o principal de toda a sua filosofia, particularmente com respeito a sua monumental defesa da fé cristã” (SPROUL, 2002 p. 70). O que Tomás de Aquino propôs foi uma distinção entre estas duas categorias, diferente de separação. Foi contra a separação que Tomás de Aquino se levantou ao expor sua teologia, assim explica Sproul:

Foi exatamente contra a ideia de separá-las que Tomás de Aquino se opôs tanto. Ele estava bem ciente da ameaça cada vez maior que o islamismo representava para o cristianismo. Os filósofos muçumanos já haviam experimentado sua renascença com a descoberta do pensamento grego clássico. Os principais pensadores, como Averróis, já haviam sintetizado a teologia muçumana e a filosofia de Aristóteles. (SPROUL, 2002 p. 70).

O que os teólogos mulçumanos pretendiam era elaborar uma teoria que trabalhasse através de duas verdades distintas, uma por meio da fé e outra através da filosofia aristotélica. Este método permitiria os teólogos mulçumanos adotarem a filosofia de Aristóteles sem contrariar a fé por eles assumida. Nesta ocasião, não era necessário discordar nem da teologia mulçumana nem da filosofia de Aristóteles. Esta disposição para apoiar a filosofia aristotélica ficou conhecida como “aristotelismo integral”, ou seja, toda a filosofia de Aristóteles era assimilada por estes teólogos.

Tomás de Aquino, ao contrário desta “esquizofrenia intelectual”, acreditava que só há uma verdade, tanto na filosofia como na teologia. Este erro dos teólogos mulçumanos, segundo Sproul, pode ser ilustrado com um cristão da atualidade que deseja harmonizar evolução e criação numa única cosmovisão. Isto é impossível. Aquino “acreditava que a filosofia e a teologia tinham papéis complementares na busca da verdade. A graça não destrói a natureza, mas a completa. Tomás via fronteiras claras entre as duas disciplinas, mas considerou ambas necessárias para a compreensão global da realidade” (SPROUL, 2002 p. 71)

Esta discordância entre os teólogos mulçumanos e Tomás de Aquino nos leva a objetar outra falsa acusação contra o célebre teólogo medieval. Aquino foi inúmeras vezes acusado de ser um filósofo aristotélico antes de um teólogo cristão. Porém, percebe-se em suas obras que o aquinate não hesitou em discordar do filósofo (Aristóteles) quando necessário, ou seja, quando este discordava das Escrituras. Aquino fazia severas críticas a elementos da filosofia aristotélica. Este foi o motivo que levou Aquino a discordar do aristotelismo integral.

3.3 A REVELAÇÃO ESPECIAL É DESNECESSÁRIA NA TEOLOGIA TOMISTA?

Diferente do que alguns pensam, Aquino nunca propôs fazer uso da teologia natural em detrimento da revelação especial de Deus. Pelo contrário, na visão tomista as Escrituras possuem a primazia, e é ela quem determina o que de fato é verdade, mesmo que não possa ser demonstrada. Aquino, na *Suma contra os gentios*, identificou algumas verdades que estão além da razão humana, mas nem por isso devem ser rejeitadas.

Tomás também afirmou que o conhecimento de Deus que recebemos por meio da fé tem como fonte as Escrituras. Este conhecimento nem sempre é compreendido pelo intelecto

humano, no entanto este deve ser acreditado, tendo em vista a Bíblia possuir autoridade sobre nossa vida. Vale ressaltar que, apesar das Escrituras possuírem ensinamentos que estão além da razão humana, os tais não podem ser entendidos como contraditórios. Aquino procurou deixar esta verdade clara por causa das acusações dos infiéis.

Trindade, encarnação, ressurreição e glorificação são algumas verdades que Aquino não procurou explicar racionalmente, mas aceitou por que assim a Bíblia ensina. “Tomás afirmou que algumas verdades podem ser conhecidas apenas pelas Escrituras, que são o campo da teologia por excelência. Não se aprende o plano de Deus para a salvação estudando astronomia ou astrologia” (SPROUL, 2002 p. 71). Ao falar sobre a encarnação de Jesus Aquino disse:

Das obras Divinas a encarnação é a que mais excede a nossa razão, pois nada de mais admirável se pode pensar como tendo sido realizado por Deus do que é verdadeiro Deus, o Filho de Deus, fazer-se verdadeiro homem. E como este *mistério* é o que há de mais admirável, para a fé deste *mistério admirabilíssimo* estão ordenados todos os milagres. (grifo do autor)

É inegável a autoridade que Tomás de Aquino atribui a palavra de Deus. A teologia natural na cosmovisão tomista não nega a Bíblia, mas procura confirmá-la com base no que podemos conhecer acerca de Deus por meio da criação. De forma nenhuma Aquino teve a intenção de diminuir a revelação especial das Escrituras, porém, devido a forte oposição por parte dos “infiéis”, tendo em vista o seu próprio contexto, Aquino propôs uma defesa das Escrituras e, conseqüentemente, da fé cristã.

A teologia natural em Aquino não procura testar as Escrituras e avaliar a sua validade, este pressuposto já está bem claro na teologia tomista. No entanto, o uso da teologia natural visa fundamentar a visão cristã a luz do que se pode atestar através da razão humana, o que para Aquino não há nenhum problema uma vez que toda verdade é verdade de Deus.

3.4 OS EFEITOS NOÉTICOS DO PECADO TORNAM QUALQUER CONHECIMENTO SOBRE DEUS IMPOSSÍVEL?

A ideia de que os efeitos noéticos⁵ do pecado impossibilitam qualquer conhecimento verdadeiro sobre Deus é fortemente defendida pelos pressuposicionalistas. Segundo o maior proponente desta escola, o reformado Cornelius Van Til, “a apologética clássica de Tomás de Aquino é baseada na autonomia humana” (GEISLER, 2002 p. 854).

No entanto, para Van Til, os efeitos do pecado no homem invalidam qualquer ideia correta a respeito de Deus, deixando toda humanidade a mercê de uma infinidade de conceitos errados sobre o verdadeiro Senhor. Segundo o reformado, o homem nunca conhecerá Deus através da razão, pois o máximo que ele conseguirá é criar um ídolo.

É digno de nota que, apesar de apresentar uma forte correspondência com a teologia agostiniana, Aquino não levou tão profundamente a ideia de uma “depravação total” como Agostinho. O escolástico não negou, de forma alguma, que a humanidade se encontrava em um estado de dependência Divina, principalmente no que diz respeito ao conhecimento de Deus e a redenção dos pecados.

Aquino concordou com seu antepassado Agostinho que o homem estava espiritualmente morto, incapacitado de se voltar para Deus. Porém, ainda assim, em alguns momentos o homem poderia pensar de forma correta. Com esta afirmação, Tomás não estava dizendo que a graça de Deus era desnecessária para o conhecimento, mas que, pelo menos, em alguns momentos, a razão contemplava corretamente a realidade.

Sobre isto, Aquino (2015 p. 60) disse “Ora, ainda que o discernimento seja diminuído pela ignorância, não é, porém, tomado totalmente, e, por isso, a liberdade de arbítrio está, de fato, debilitada pelo pecado, mas não totalmente perdida”. Para Aquino, “Agostinho não tenta provar que o homem esteja obstinado no pecado, mas que ele não é por si mesmo capaz de soerguer-se do pecado” (AQUINO, 2015 p. 167). Tomando para si a briga de Agostinho,

5 “Alguns teólogos se opõe a qualquer forma de apologética racional ou evidencial, alegando que o pecado corrompeu tanto a mente humana que não é possível que a humanidade caída entenda a revelação de Deus adequadamente nem raciocine corretamente” (GEISLER, 2002 p. 632).

Aquino foi contra a posição pelagiana⁶ que negava a graça de Deus, porém fez questão de ressaltar a liberdade humana.

Por isso, surgiu o contrário com Pelágio, que, querendo defender o livre-arbítrio, foi adversário da graça de Deus, dizendo que o homem podia evitar o pecado, sem a graça de Deus. De fato, esse erro contradiz de modo evidentíssimo a doutrina do Evangelho, por isso foi condenado pela Igreja. Contudo, a fé católica se aproxima de uma via média, de maneira que salva a liberdade do arbítrio e não exclui a necessidade da graça (AQUINO, 20015 p179).

Por causa desta tentativa tomista de unir a graça de Deus a uma certa capacidade cognitiva do ser humano, que por sua vez, permite ao homem atingir certos conhecimentos, mesmo que inferiores, a crítica vê uma incoerência na teologia tomista que o leva a defender uma autonomia no homem que não existe. Destaca-se que, uma teologia deste tipo não é bíblica, pois quebra um dos pilares da teologia, isto é, a dependência total do homem de Deus.

Não se tentará propor uma apologia a respeito desta relação proposta por Aquino, uma vez que se percebe um equívoco em sua teologia. Mas, a pergunta que surge é a seguinte: somente com base neste argumento se pode inferir um conhecimento sobre Deus? Por que calvinistas como Sproul e Mcgrath defendem a apologética clássica? Segundo Mcgrath, é possível certo conhecimento sobre Deus por que há conhecimento de Deus fora da comunidade cristã. Já para Sproul, a filosofia é uma aliada da teologia e podem andar lado a lado como parceiras.

Apesar de o conhecimento ser suprimido pelo homem, mediante o uso criterioso de um arsenal de técnicas apologéticas, o homem pode “trazer à tona a lembrança desse conhecimento reprimido de Deus” (MCGRATH, 2008 p. 50). O que Mcgrath está dizendo é, se compreendermos corretamente o conhecimento natural sobre Deus, este servirá como ponto de partida para a riqueza da revelação Divina. Mcgrath concorda que pode haver um uso inapropriado deste conhecimento, e este deve ser rejeitado.

Se o ponto de partida (conhecimento revelado de Deus Criador) se confunde com o ponto final (conhecimento revelado de Deus redentor), haverá uma série de distorção do tipo temida por Van Til. Contudo, conforme destaca Calvino, não é imprescindível que seja assim. Cabe ao apologista desvelar, isto é, elevar a consciência explícita e usar da melhor maneira possível o ‘conhecimento suprimido’, permitindo que ele nos conduza a coisas maiores e melhores (MCGRATH, 2008 p. 50).

6 Escola que defendia a autonomia completa do homem, e, conseqüentemente, negava a graça de Deus para a salvação do pecador. Pelágio entendia que o pecado de Adão não havia afetado o restante da humanidade.

Não é que a apologética tradicional defendida por Aquino resolve o problema da humanidade caída, mas “Tomás acreditava que a filosofia e a teologia tinham papéis complementares na busca da verdade. A graça não destrói a natureza, mas a completa. Tomás via fronteiras claras entre as duas disciplinas, mas considerou ambas necessárias para a compreensão global da realidade” (SPROUL, 2002 p. 71).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para termos uma visão correta a respeito do relacionamento entre fé e razão a luz da teologia tomista, foi necessário se ater ao contexto onde Aquino estava inserido. Aquino não propôs uma ruptura com a teologia Bíblica e muito menos colocou em xeque a autoridade das Escrituras. O escolástico, no entanto, estava lidando com uma forte transformação em sua época, que por sua vez o levou a tomar sérias decisões e afirmar a verdade de Deus em todos os ramos do conhecimento.

A ideia de duas verdades, ou seja, uma na teologia e outra na filosofia estava se propagando rapidamente por meio dos teólogos mulçumanos. Se tal ideia alcançasse êxito, a defesa da fé cristã estaria em apuros, pois o que teríamos seria uma relatividade no conhecimento, possibilitando uma discrepância da visão Bíblica de verdade. Assim como Agostinho, Aquino entendia que toda verdade é verdade de Deus, logo o conhecimento verdadeiro leva o homem ao conhecimento de Deus, mesmo que parcial.

Outro fator determinante foi a própria formação e a cultura da qual Aquino fazia parte. Diante da enxurrada de material que estava sendo traduzido da língua grega, e, conseqüentemente, o contato de Aquino com este conteúdo, seria difícil não haver nenhum tipo de interação com estas obras. Certamente houve excessos na visão tomista, pois em alguns momentos, devido ao seu contexto e a forte influência da filosofia aristotélica, Aquino se equivocou-se com suas colocações.

Apesar dos possíveis exageros, concorda-se que Aquino foi responsável por um dos trabalhos mais formidáveis desde a sua época até os dias de hoje. Se temos ainda credibilidade dentro da academia e se a fé cristã não é totalmente questionada em outros polos do

conhecimento, com certeza, uma parte deste trabalho foi desenvolvida no século XIII, por uma das mentes mais brilhantes do cristianismo.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA SAGRADA. Almeida Século 21: Letra grande 1.a edição – São Paulo Vida Nova, 2010.

AQUINO Tomás de. **Suma contra os gentios**. Vol. I. Porto Alegre: Universidade de Caxias do Sul, 1990.

_____. **O Credo**. Petrópoles; Vozes, 2013.

_____. **O Livre-arbítrio**. São Paulo; Edipro, 2015.

_____. **Suma teológica**. Vol. I. Porto Alegre: Universidade de Caxias do Sul, 1980.

_____. In: **Os pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

BROWN, Colin. **Filosofia e fé cristã**. São Paulo: Vida Nova, 2007.

CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos: Uma história da igreja cristã**. São Paulo: Vida Nova, 1995.

COSTA, José Silveira da. **Tomás de Aquino: A razão a serviço da fé**. São Paulo: Moderna, 1993.

GARDEIL . **Iniciação à filosofia de São Tomás de Aquino: Introdução, lógica, cosmologia**. São Paulo: Paulus, 2013.

GARDEIL, Henri-Dominique. **Iniciação à filosofia de São Tomás de Aquino: Psicologia, metafísica**. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2013.

GEISLER, Norman. **Enciclopédia de apologética: Respostas aos críticos da fé cristã**. São Paulo: Editora Vida, 2002.

GEISLER, Norman; FEINBERG, Paul D. **Introdução à filosofia: Uma perspectiva cristã**. São Paulo: Vida Nova, 1996.

GILSON, Étienne. **Introdução à filosofia cristã**. Santo André: Academia Cristã, 2014.

GONZALEZ, Justo L. **Uma história do pensamento cristão: De Agostinho às vésperas da reforma.** São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

LATOURETTE, Kenneth Scott. **Uma história do cristianismo** Vol. I. São Paulo: Hagnos, 2006.

LUTERO, Martinho. **Obras selecionadas:** Vol. I. São Leopoldo: Sinodal, 1987.

MADUREIRA, Jonas. **Curso vida nova de teologia básica: Filosofia.** São Paulo: Vida Nova 2008.

MCGRADY, A. S. **Filosofia Medieval.** Aparecida (SP): Ideias e letras 2008.

MCGRATH, Alister. **Apologética cristã no século XXI: Ciência e arte com integridade.** São Paulo: Editora Vida, 2008.

OLSON, Roger. **História da teologia cristã.** São Paulo: Editora Vida, 2001.

PANNENBERG, Wolfhart. **Filosofia e teologia: Tensões e convergências de uma busca comum.** São Paulo: Paulinas, 2001.

SPROUL, R. C. **Filosofia para iniciantes.** São Paulo: Vida Nova, 2002.

TOMATIS, Francesco. **O argumento ontológico: A existência de Deus de Anselmo a Schelling.** São Paulo: Paulus, 2003.

VAN TIL, Cornelius. **Apologética cristã.** São Paulo: Cultura Cristã, 2010.